

MISSÃO YANOMAMI uma epopeia na Selva Amazônica

Ronald Selle Wolff¹
Prefeitura de Porto Alegre-RS
ronaldswolff@gmail.com

Resumo

Relato da décima missão da Força Nacional do SUS (FN-SUS) no cuidado dos Povos Originários Yanomamis em Roraima (RR). A organização e atividades começam a ser articuladas e executadas pelo Governo Federal em janeiro de 2023, o convite ocorre em maio do mesmo ano e as minhas atividades da missão iniciam em junho de 2023. O objetivo foi da prestação de cuidados aos povos originários Yanomamis em Roraima, uma vez que o ambiente das comunidades indígenas sofre com a violência e devastação promovida pelas atividades de garimpo na região. A equipe, formada por quatro médicos, sete enfermeiros e um técnico em enfermagem realizou capacitação de um dia no Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami. No dia seguinte começaram os atendimentos aos Yanomamis. Além dos cuidados em unidade que demanda atenção em nível de maior complexidade também poderia ser solicitada a remoção de casos graves nas aldeias distantes, tais como traumas, acidentes, entre outras. No decorrer do relato são apresentados alguns dos atendimentos e o envolvimento do relator e equipe com os pacientes. É descrito ritual de cura e proteção praticado quando há situação com perigo iminente de morte, o “Xabore”. Por fim, apresenta reflexões sobre a missão e questionamentos sobre foi permitido chegar a uma situação tão grave as pessoas desses povos originários, uma vez que a qualidade de vida e a causa são de todos nós.

Palavras-chave: Força Nacional do SUS. Povos indígenas. Yanomamis. Roraima (RR). Relato.

YANOMAMI MISSION an epic in the Amazon Jungle

Abstract

Report of the tenth mission of the National Force of the SUS (FN-SUS) in the care of the Yanomami Indigenous Peoples in Roraima (RR). The organization and activities begin to be articulated and carried out by the Federal Government in January 2023, the invitation takes place in May of the same year and my mission activities begin in June 2023. The objective was to provide care to the original Yanomami peoples in Roraima, since the environment of indigenous communities suffers from the violence and devastation caused by mining activities in the region. The team, made up of four physicians, seven nurses and a nursing technician, carried out a one-day training course in the Yanomami Indigenous Special Health District. The following day, assistance to the Yanomami began. In addition to unit care that demands more complex care, the removal of serious cases in distant villages, such as trauma, accidents, among others, could also be requested. During the report, some of the consultations and the involvement of the reporter and the team with the patients are presented. A healing and protection ritual practiced when there is a situation with imminent danger of death, the “Xabore”, is described. Finally, it presents reflections on the mission and questions about whether people from these original peoples were allowed to reach such a serious situation, since the quality of life and the cause belong to all of us.

Keywords: National Strength of the SUS. Indian people. Yanomami. Roraima (RR). Report.

¹Médico da prefeitura de Porto Alegre. Médico do Hospital Vila Nova. Ex professor da Faculdade de Medicina da UFRGS. Ex supervisor do Programa Mais Médicos para o Brasil. Conferencista e palestrante do tema "A felicidade e o protagonismo social como instrumento de saúde". Médico da Força Nacional do SUS



Esta obra está licenciada sob a licença
Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0).

Revista Solidariedade & Sustentabilidade, Belém, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2025.

Em junho de 2023, realizei uma das mais relevantes experiências de toda a minha vida: participei da Força Nacional do SUS (FN-SUS) no cuidado dos Povos Originários Yanomamis em Roraima (RR), por ocasião da violência e da devastação do ambiente das comunidades indígenas, promovida pela atividade do garimpo. Essa atividade tem nome de Missão Yanomami e é implementada pelo Governo Federal, através do Ministério da Saúde (MS).

Em 19 de janeiro de 2023, o mundo ficou estarelecido com as fotos publicadas por lideranças indígenas Yanomamis em suas aldeias, que expuseram as condições horríveis pelas quais estavam passando o Povo Yanomami. Viam-se idosos, adultos e crianças em situação degradante, morrendo de desnutrição e intoxicação por mercúrio decorrente da atividade do garimpo. Havia poluição total dos rios, devastação da floresta, falta de caça - que se retirou do local também por faltas de condições de vida adequadas para os animais. A pesca é pouca e contaminada por metais pesados. Estava severamente prejudicado o conjunto das condições necessárias à possibilidade de vida e sua qualidade no habitat dos Povos Originários da Selva Amazônica, da fauna e da flora. A Força Nacional do Sus (FN-SUS) havia chegado em 15 de janeiro e iniciou a realizar diagnóstico da situação no dia 16.

Figura 1 – O Autor



Fonte: Registros do Autor

Figura 2 – Mapa do Território Yanomami



Fonte: Registro do Autor.

Assim que teve conhecimento dessa realidade, o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, compareceu pessoalmente, com vários ministros, dois dias depois, em 21 de janeiro. Foram tomadas decisões imediatas, e mais dois dias após a visita, em 23 de janeiro, voluntários iniciaram a atuar na Casa de Saúde Indígena (CASAI) na Capital de Roraima, Boa Vista. A FN-SUS aterrissava no local para iniciar imediatamente ações de cuidado em saúde, providências em relação à situação alimentar das pessoas, proteção da vida, combate à atividade do garimpo ilegal e demais demandas daquela tragédia. Em 31 de janeiro a FN-SUS entrou em território Yanomami, em suas aldeias – Surucucu e Auaris.

Recebi convite do Ministério da Saúde (MS) no mês de maio, organizei a liberação das atividades em Porto Alegre - RS, cidade onde resido, e realizei as providências necessárias ao deslocamento e permanência na Missão.

Figura 3 – A Equipe



Fonte: Registros do Autor.

Parti para Roraima em 07 de junho, ao final de uma tarde quente do inverno gaúcho. Pousei em Boa Vista, capital do estado, no início de uma madrugada mais quente ainda. Durante o voo, conheci integrantes da Missão, que, comigo, estavam também se dirigindo para RR, com a mesma ansiedade no peito. Já no voo pudemos interagir profissionalmente, pois, no meio do percurso, o comandante do avião solicitou médico para intercorrência com uma passageira. Levantei e percebi que outros colegas da Missão também se colocaram a postos para verificar a situação. Era uma senhora com mal-estar por hipotensão postural e hipoglicemia, causados por várias horas sem alimentação além de ter usado medicação hipoglicemiante por ser diabética, fato que desencadeou quadro de queda importante da glicemia e da pressão arterial. Parecia um prenúncio da situação com a qual mais iríamos nos deparar: a fome! Resolvido o problema, voltamos aos nossos assentos e seguimos viagem.

Fui recebido pelas gestoras Locais da Missão Yanomami, Tarciana Suassuna e Helena Neta, de maneira muito cordial e acolhedora, e, junto com meus agora parceiros de Missão, fomos conduzidos ao hostel onde ficaríamos hospedados até a definição dos locais em que

iríamos atuar. Nesse local foram realizadas as primeiras reuniões nas quais nos foi apresentada a Coordenação local da Missão Yanomami. Estudamos a situação do Povo Yanomami, mapas, geografia do local, condições de vida, cultura daquele povo, contato com a atividade do garimpo e suas danosas consequências, forma de agir e interagir com os indígenas, enfim, todas as questões que cercam os Povos Originários daquela região e a ação que iríamos realizar. Eu já estava de alguma forma apropriado da situação, pois outros colegas que haviam realizado esta Missão haviam compartilhado comigo a experiência, cuidados necessários, postura adequada, entre outros. Cabe ressaltar que esses colegas são, juntamente comigo, membros da Rede Nacional de Médicas e Médicos populares, bem como da Associação Brasileira de Médicas e Médicos pela Democracia.

Nossa Missão é a 10ª desde que começaram a virem equipes em janeiro. Quatro médicos (as): Gustavo, Luan Clarissa e eu; sete profissionais enfermeiros (as): Danila, Gisele, Maicon, Marigleison, July Anne, Stéffane e Edcarlos; e um técnico de enfermagem: Paulo Rogério.

Feitas as apresentações e reuniões, foi realizado um dia inteiro de capacitação no Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami (DSEI), onde foram apresentados dados, indicadores de saúde, situação de malária – há comunidades com mais de 80% da população contaminada – e da oncocercose – 2ª causa mundial de cegueira. Também recebemos uma apresentação feita por um antropólogo da situação dos Povos Originários e orientações de tratamento profilático para toda a equipe, de investigação e tratamento na população Yanomami, entre outros treinamentos.

No dia seguinte aos passos que são pré-requisitos para a Missão e contato direto com os indígenas, iniciou-se, finalmente, o atendimento aos Yanomamis. Para os territórios de Aldeia foram designados: a Surucucu, foram os médicos Luan e Gustavo, as enfermeiras Gisele, Danila e July Anne, e o enfermeiro Marigleison, enquanto para Auaris foram designados a médica Clarissa, o enfermeiro Maicon e a enfermeira Stéffane.

Fui designado, juntamente ao enfermeiro Edcarlos e ao técnico Paulo Rogério, para atividade de acompanhamento dos pacientes internados na Casa de Saúde Indígena (CASAI). Neste local ficam os indígenas que necessitam de atenção em nível de maior complexidade, trazidos das aldeias. Minha responsabilidade, juntamente com os meus parceiros de CASAI, consistia em avaliar os pacientes diariamente, prescrever, acolher novos pacientes e dar alta para aqueles que apresentassem remissão do quadro que os mantiveram internados. Essas pessoas vinham de sua aldeia acompanhadas de sua família, o que é uma tradição daquele povo.

Solidariedade & Sustentabilidade

As pessoas que trabalham na CASAI nos receberam com acolhimento e humanidade, e merecem, aqui, toda nossa gratidão! Não irei mencioná-las por não ter pedido permissão e para não cometer a gafe de esquecer alguém. Sintam-se todos e todas abraçadas.

Figura 4 – Atendimento



Fonte: Registros do Autor.

Também havia situações em que poderíamos ser solicitados para realizar remoções de casos graves nas aldeias, bem distantes da CASAI, por situações graves, como traumas, acidentes, infecções importantes, malária cerebral entre outras. Recebi um jovem com trauma em membros superiores e inferiores além de laceração de períneo por queda de palmeira de açaí. Também uma mulher de 22 anos que foi barbaramente agredida a pauladas pelo companheiro, com situação gravíssima, pois ela teve cortes profundos na cabeça, fratura de olécrano esquerdo e o pior: seu bebê de colo morreu por ter levado as pauladas que o

companheiro desferira contra ela. O choro constante, de sofrimento da mãe que perdeu o filho por agressão do próprio marido suplantava as dores físicas dos golpes sofridos... A tristeza e a falta de brilho nos olhos misturados com o fino som do choro de desespero entravam em meus ouvidos como açoite! Tento, na ilusão de poder ajudar, consolá-la. Decido não realizar exame físico naquele momento para respeitar seu sofrimento de mãe que perdera seu filho. Ofereço apenas a minha presença e afeto. Precisei buscar alívio em um canto isolado de prescrição para poder esconder o choro. Jamais esquecerei a expressão dos olhos daquela mulher!

Figura 5 – CASAI: vista interna



Fonte: Registros do Autor.

Figura 6 – CASAI: vista externa



Fonte: Registros do Autor.

Não posso deixar de mencionar um menino especial, que aqui chamarei de Curumin Yanomami. Ele tem 7 anos de idade e está internado na CASAI há bastante tempo por ter tido traumatismo craniano, causado pelo descuido do pai e da mãe, que se tornaram alcoolistas pela desgraça da vida ocasionada pela presença dos garimpeiros. A criança alimenta-se por gastrostomia, que é uma sonda introduzida no estômago por acesso abdominal. Todos os dias, ao examiná-lo, dava um tempo maior para ele, já que ele raramente tinha com quem interagir. Os pais o abandonaram por ter ficado especial. Foram vê-lo uma vez, por estarem com o outro filho, de 1 ano, também internado. Eu tinha um sentimento muito grande de empatia e amor por esse garoto, cheguei a pensar em como seria trazê-lo para Porto Alegre e cuidar dele. Ele interagia bastante comigo, e chegou a dar umas gargalhadas. Edcarlos colocou desenho animado no celular para ele assistir, e ele adorava. Paulo Rogério também inventava alguma forma de aliviar a solidão daquele menino que havia nos conquistado em carinho e amor. Todos os dias eu dedicava alguns momentos para dar atenção e carinho para ele. Ele ficava muito feliz, era quando ele esboçava um lindo sorriso e brilho nos olhos capaz de fazer

qualquer pessoa derreter-se de carinho. No último dia de CASAI, por um momento pensei em não me despedir, mas logo o sentimento humano e o amor pela minha missão e pelas pessoas fez eu dar o passo certo. Fui vê-lo. Meu Deus, parece que ele já sabia, ou leu em meus olhos! Ficou um pouco ansioso, mas logo se acalmou, e me olhava como se me perdoasse ou consolasse pela partida. Todos os dias lembro de Curumin Yanomami, rezo por ele, como se estivesse mandando um “Xabore”.

Figura 7 – “Curumin”



Fonte: Registros do Autor.

Existe um ritual de cura e proteção realizado por pessoas que atuam quando a situação é grave e existe perigo iminente de morte. Esse ritual místico é chamado de “Xabore”. Quando nossa equipe está manejando a situação, essas pessoas ficam em volta da pessoa doente, realizando o Xabore de cura e proteção, ou simplesmente de despedida da pessoa que está passando por tal situação. Se essas pessoas enxergam a alma sair do corpo, ordenam que sejam suspensas todas as atividades de suporte avançado de vida. A alma não mais habita aquela pessoa. Todos devem parar o suporte e obedecer. Também fiquei sabendo que é terminantemente proibido mencionar o nome de qualquer indígena que tenha morrido. Eles ficam muito bravos e isolam a pessoa que o faz.

Passei esses dias, juntamente com meus colegas de Missão na CASAI, com mistura de sentimentos. Uma parte de mim sentia-se honrado por ter sido chamado para agir em uma situação tão grave, por ter sido considerado capaz de enfrentar uma situação daquela magnitude. Outra parte sentia tristeza. Desespero pela situação das pessoas que tiveram sua vida completamente devastada pela ganância dos descendentes dos colonizadores que

chegaram às Américas há pouco mais de 5 séculos e que continuam vendo, neste continente e no seu povo, oportunidade de explorar, de extrair até as últimas consequências, as riquezas do subsolo, sem importarem-se com o danoso impacto causado ao meio ambiente e aos seus habitantes. Experimentei muitos momentos de reflexão sobre o que estava realmente ali acontecendo, sobre qual seria nosso papel nesta realidade, sobre qual seria o meu papel ali e na equipe da FN-SUS. Compartilhei esse sentimento com colegas de missão e com amigos e amigas. Dessas reflexões vieram algumas compreensões, leituras a partir do entendimento dessa interação de saberes e culturas tão diversas, mas com a obrigação de que seja com a mesma visão de humanidade. Muitas questões postas: qual é a real riqueza que tem a humanidade? A que está debaixo do solo ou a que se encontra acima? Qual brilho tem mais riqueza? o brilho de um metal precioso, de uma pedra, ou o brilho dos olhos de uma criança Yanomami? Até quando iremos a reboque da cartilha imperialista, mercantilista, capitalista, neoliberal, que trouxe a ideia de que riqueza é material? Trocamos tão facilmente nosso senso de humanidade pelo metal, pelas coisas materiais, a ponto de não ficarmos escandalizados e indignados com a visão de que populações da floresta atrapalham o acesso ao que esta debaixo da superfície... a ponto de acharmos normal crianças cheias de esperança perecerem diante da exploração do garimpo! Morrerem em sua terra para que se extraia pedra. Verem seus pais levando tiro de gente de fora! O que estamos fazendo? No que estamos nos transformando?

Figura 8 – Família Yanomami

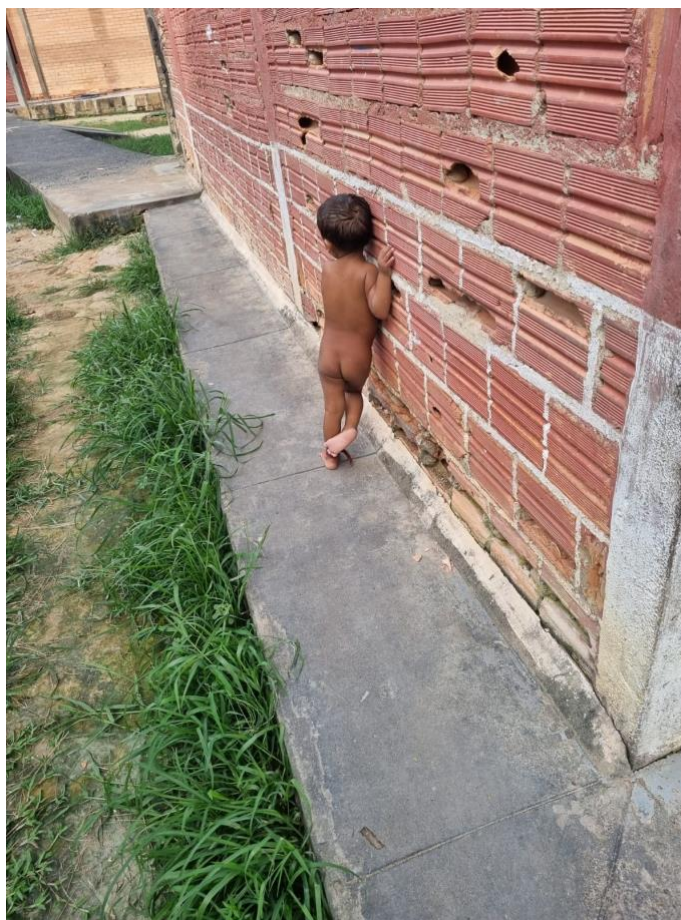


Fonte: Registros do Autor.

Volto outra pessoa. Não transformado por presenciar uma tragédia humana, eu que já tantas presenciei ao longo da vida, porquanto faço parte das lutas populares desde o início da juventude. Acompanhei, como médico, 4 greves de fome de grandes lideranças da causa da terra e outras lutas sociais. Promovo oficinas e seminários de saúde nos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), do Movimento dos Pequenos Produtores Rurais (MPA), sou Assessor do Instituto Padre Josimo, que está sempre na luta por melhoria das condições de vida e sua qualidade para os trabalhadores rurais e indígenas. Mas sim, muito impactado por perceber como permitimos que essa situação chegasse a esse ponto. O que o Governo passado fez? Foi negligência, incompetência ou foi intencional? Os Povos Originários estavam atrapalhando seus planos de derrubar a floresta – e seus habitantes – para criação de campo de gado e plantação de soja para exportar para as vacas da América do Norte? O presidente do governo anterior chegou a verbalizar que a América do Norte evoluiu por ter tido “coragem” de aniquilar seus Povos Originários, e nós não estamos tendo essa “capacidade”? Precisa desenhar mais? Mesmo assim volto outro. Mais decidido da importância de agir, além de saber que a causa dos Povos Originários é também nossa! Que a vida e sua qualidade deve sempre ser compromisso de todos e todas! Que a saúde é direito do cidadão e dever do Estado, conforme nossa Constituição! Que a fome é a maior vergonha da humanidade! Que devemos sair desse estado de anestesia diante da fome! Que o olhar de uma criança faminta, esteja ela nas ruas das grandes cidades, no campo ou nas aldeias, não pode permanecer sem uma resposta digna da parte de toda a sociedade! Que a fome e a pobreza nos cause mais indignação e mobilização do que a desclassificação do nosso time do campeonato, das peripécias dos vilões das novelas, ou de tantas questões que são tão pequenas diante das tragédias humanas, mas que povoam demasiadamente as preocupações das pessoas, e que acabam sendo assunto no ônibus, no trabalho, ou nos encontros em família...

Quero dirigir-me às pessoas da décima Missão Yanomami: muito obrigado! Pela parceria, pela simplicidade! Pelo senso de humanidade e de amor demonstrado às pessoas que cuidamos... Pela partilha de saberes e intenções! Por não ter percebido nenhuma atitude de competição entre a equipe, mas atitudes verdadeiramente em direção ao crescimento do grupo e o compromisso com nossa tarefa a cumprir! Gratidão ímpar à Tarciana e à Helena que, com maestria, souberam conduzir esse valoroso grupo para que os resultados tenham sido tão generosos.

Figura 8 – Criança Yanomami



Fonte: Registros do Autor.

É hora de agirmos. De não mais aceitarmos tantas desgraças sem que tenhamos uma atitude efetiva como cidadãos e cidadãs e como sociedade. Que tenhamos um Poder Público, executivo, legislativo e judiciário que priorize as pessoas sempre, em relação a todas as outras questões, e o faça com equidade. Mas que, principalmente, sejamos todas e todos nós os primeiros a protagonizar essa tomada de nova postura! Que tomemos nós as rédeas das nossas vidas e pautemos o poder público a partir das prioridades reais para que a vida e sua qualidade seja a meta constante, real e efetiva! E que, em relação a resolução dessas prioridades e a evolução, lembremos o que nos dizia Carlito Maia: para realizarmos nossos anseios e transformar todos os nossos sonhos em realidade, não precisamos de muitas coisas, apenas uns dos outros...

NOTA

Publicado originalmente em: WOLFF, R. S. Missão Yanomami : uma epopeia na Selva Amazônica. **Asklepion**: Informação em Saúde, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n. 2, p. 6–17,

2023. DOI: 10.21728/asklepion.2023v2n2.p6-17. Disponível em:
<https://asklepionrevista.info/asklepion/article/view/76>. Acesso em: 11 nov. 2025.